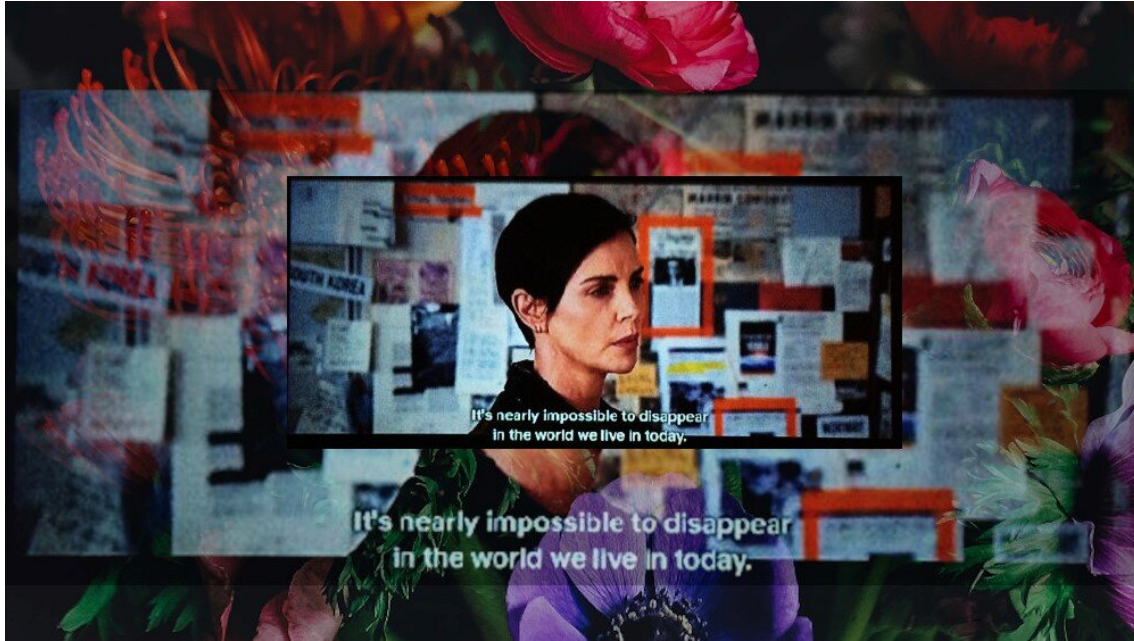


# Black Woman Action

*A review of the “The Old Guard” — without spoilers.*



The first Hollywood action movie directed by a black woman — Gina Prince-Bythewood — has come out this month, and it’s brilliant. By first, I mean — in a list of 222 directors, six are women. Five of which are white, two of which are the Wachowski sisters, and one of which is Vietnamese but not in Hollywood. It has taken us far too long to explore the action genre from a different lens. One that doesn’t center the narrative on remorseless men, whose interaction with women is rarely removed from grotesque objectification.

Perhaps we are finally entering an era where being in denial is no longer seen as a sign of strength, and being out of touch with your emotions is no longer a sign of courage (better late than never, right?). “The Old Guard” gives us some *real* action, incredible courage, and undeniable strength, showing how queerness not only embodies these qualities, but actually defines them in this day and age. There is true courage in professing your love for your same-sex partner in front of armed homophobes. And there is so much cowardliness in those who are uncomfortable with the sight of it.

Charlize Theron’s character transcends all boundaries of sexuality and gender identity. She manages to be both relatable and sexually attractive to pretty much anyone anywhere on both of these spectra. Andy, the protagonist, can be seen anywhere between male, female

or non-binary, mostly because it doesn't matter. What matters is that she is powerful, wise and sexy.

Andy, who rocks an oracle vibe, is wise beyond measures, but is also flawed, willing to grow and learn, knowing that weaknesses are nothing but a moment between strengths. These moments, and the way time passes in general throughout the movie, is impeccable. It can be slow without dragging, and fast without compromising detail. There is time for thought, angst and internal conflict. So much so, that not even a lone elevator ride has a chance to be boring. While in the climax of action, there is focus on wounds and pain, as opposed to the shaky and chaotic bloodbath we are used to getting from directors who resort to excess, grabbing our attention while hiding stunt doubles or other imperfections.

Without resorting to these expensive and shallow tricks, room is made for interesting philosophical questions. Such as not overlooking the “emotional cost of killing”, brought by KiKi Layne’s character. Gina Prince-Bythewood points out in [an interview](#) with NPR that she wanted to bring into the movie what she learned from the book *On Killing*, which shows that “the fear of taking a life is as psychologically damaging as the fear of losing your life.” Moreover, warfare has significantly changed throughout the ages, and firearms became a progressively smaller portion of the weapons used. In what way has everyday technology become weaponized, and what does anonymity mean in our era? How unique it is, in the history of humanity, to have these levels of detailed data stored on essentially everyone. But this will probably be explored more in depth later.

The most profound political message, which is only as profound as Hollywood can possibly go, is about how difficult it is to still have hope as the world seems to not be getting much better. There is still war, misery, violence, and, in particular — villains who are willing to do horrific things to people (and other animals) for the sake of profit; all under the pretext of it being for the “greater good.” The message is clear: anyone can fall for these opportunistic tricks, and it comes with consequences.

That’s the frustration militants are all too familiar with, the feeling of swimming against the current. I say militant, not activist, because we all *act* even when we make no decisions. Not everyone chooses to join the fight on the ground, the constant struggle and not an occasional conversation. To the militant, the air they breathe and the ground beneath their feet are always vibrating the tune of a battle cry.

In this sense, making several of the characters army soldiers is coherent. According to Gina, women don't grow up being incentivized to find their voice, and to tap into their aggression, strength and ambition; something she grew up with as an athlete and saw in other women athletes as well. Perhaps that didn't have to be conveyed through the US Navy, but it was conveyed nevertheless.

It's uncertain if a courageous black woman in the US Navy is an attempt to raise sympathy for the "Nation" and its institutionalized use of force, or to shift the white nationalistic paradigm towards respecting black people. I choose to assume the latter, even though neither would be very effective. White nationalists are the reason why this film industry has been dominated by white men, so their minds won't be changed by this movie. And the BLM movement should be able to do what they want for as long as these white nationalists remain in power.

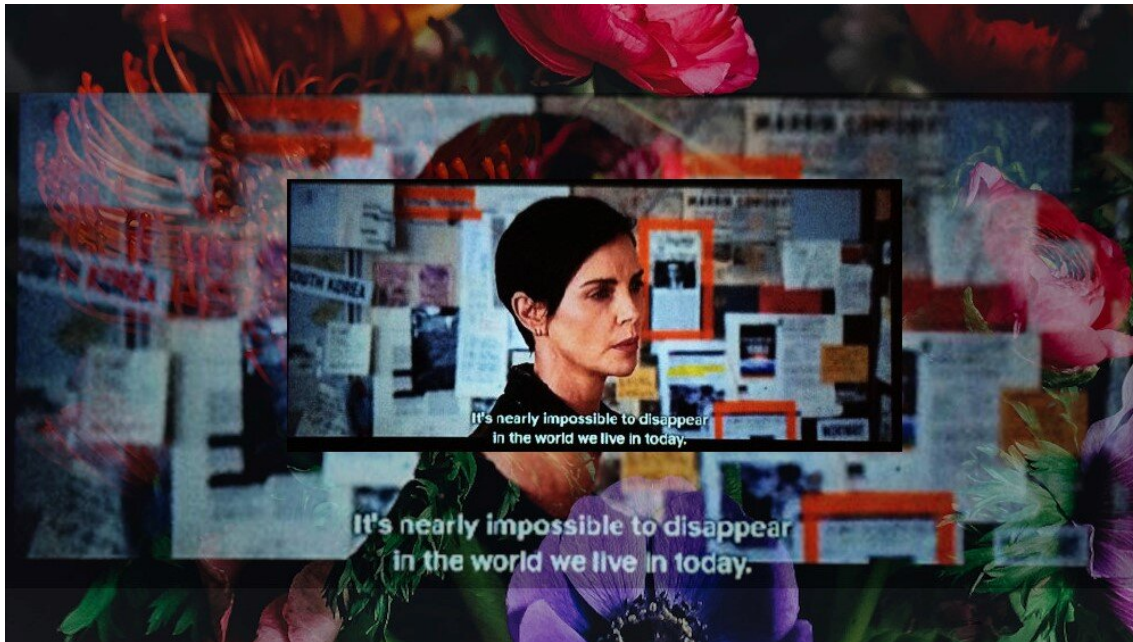
With this in mind, to what extent do these advances in main stream representation translate into substantial structural changes? The jury is probably still out on this one. In the meantime, you can be entertained by an action movie that isn't despicable for once.

## **MIRNA WABI-SABI**

is site editor at Gods and Radicals Press, founding member of the Brazilian magazine Enemy of the Queen and the Plataforma 9 media collective.

# **Ação de Mulher Preta**

*Uma resenha sobre o filme "The Old Guard" - sem "spoilers".*



O primeiro filme de ação Hollywoodiano dirigido por uma mulher preta — Gina Prince-Bythewood — foi lançado este mês e é brilhante. Com “o primeiro”, quero dizer que **numa lista** de 222 diretores, seis são mulheres, cinco são brancas, duas são as irmãs Wachowski, e uma é vietnamita e não está em Hollywood. Demoramos muito tempo para explorar o gênero de ação por uma nova lente. Uma que não centraliza a narrativa em homens sem remorso, cuja interação com mulheres raramente escapa da grotesca objetificação.

Talvez finalmente entraremos numa era onde estar em negação não é mais visto como um sinal de força, e estar fora de contato com suas emoções deixou de ser um sinal de coragem (melhor tarde do que nunca, certo?). “The Old Guard” nos dá alguma ação verdadeira, com incrível coragem e inegável força, mostrando como a ‘viadagem’ não apenas incorpora essas qualidades, mas hoje em dia, na verdade, as define.

Existe verdadeira coragem num homem que professa seu amor por seu parceiro na frente de homofóbicos armados. E há tanta covardia naqueles que se sentem desconfortáveis vendo isso. A personagem de Charlize Theron transcende todos os limites de sexualidade e identidade de gênero. Ela consegue ser relacionável e atraente para praticamente qualquer pessoa em qualquer lugar destes dois espectros, ao mesmo tempo. Andy, a protagonista, pode ser vista em qualquer lugar entre homem, mulher ou não-binária, principalmente porque isso não importa. O que importa é que ela é poderosa, sábia e *sexy*.

Andy, que nos passa a sensação de oráculo, é imensamente sábia, mas também é imperfeita, disposta a crescer e aprender — sabendo que fraquezas não são nada mais do que um momento entre forças. Esses momentos e a maneira como o tempo passa em geral ao longo do filme são impecáveis. Pode ser lento sem se arrastar e rápido sem abrir mão dos detalhes. Há tempo para pensamentos, angústias e conflitos internos. Tanto que nem mesmo uma subida solitária de elevador tem a oportunidade de ser chata. Enquanto no clímax da ação, há foco nos movimentos, nas feridas e nas dores. Ao contrário do banho de sangue tremido e caótico que estamos acostumados a ver de diretores que recorrem ao excesso para chamar nossa atenção e para ocultar dubs ou outras imperfeições.

Ao evitar esses truques caros e superficiais, abre-se espaço para questões filosóficas interessantes. Por exemplo, como não negligenciar o “custo emocional da morte”, uma questão trazida pela personagem de KiKi Layne. Gina Prince-Bythewood aponta **numa entrevista** ao *National Public Radio* que ela queria trazer para o filme o que aprendeu com o livro *On Killing*, onde é revelado que “o medo de tirar uma vida é tão prejudicial psicologicamente quanto o medo de perder a vida.”

Além disso, a Guerra mudou significativamente ao longo dos tempos e as armas de fogo se tornaram uma porção progressivamente menor de suas estratégias. De que maneira a tecnologia cotidiana se tornou bélica, e o que o anonimato significa em nossa era? Como é único, na história da humanidade, tais níveis armazenamento de dados detalhados sobre praticamente todas as pessoas no planeta. Mas isso provavelmente será explorado com mais profundidade posteriormente.

A mensagem política mais profunda, que é tão profunda quanto Hollywood pode chegar a ser, é sobre o quão difícil é reter a esperança, pois o mundo não parece estar melhorando. Ainda há guerra, miséria, violência e, em particular - vilões que estão dispostos a fazer coisas horríveis com pessoas (e outros animais) em prol do lucro; tudo sob o pretexto de ser para o “bem maior.” A mensagem é clara: qualquer um pode cair nestas armadilhas, e há consequências.

É com essa frustração que pessoas militantes estão bem familiarizadas, com aquela sensação de nadar contra a corrente. Eu digo militante, não ativista, porque todos nós *agimos* mesmo quando não tomamos decisões. Nem todo mundo escolhe se juntar à luta de frente, porque é constante e não uma conversa ocasional. Para a

pessoa militante, o ar que ela respira e o chão sob seus pés estão sempre vibrando a melodia de um grito de guerra.

Nesse sentido, há coerência no fato de que tantos personagens são soldados do exército. Segundo Gina, em geral, a mulher não cresce sendo incentivada a encontrar sua voz, e a explorar sua agressão, força e ambição; algo que ela como atleta foi incentivada a encontrar e viu em outras mulheres atletas também. Talvez essa ideia poderia ter sido transmitida de outra forma, ao invés de pela Marinha dos EUA, mas foi transmitida.

É incerto se uma mulher preta e corajosa na Marinha dos EUA é uma tentativa de incentivar uma simpatia pela “Nação” e seu uso institucionalizado da força, ou uma de mudar o paradigma nacionalista branco em direção ao respeito por pessoas pretas. Eu escolho assumir o último, mesmo que nenhum dos dois sejam muito eficazes. Nacionalistas brancos são a razão pela qual essa indústria cinematográfica tem sido dominada por homens brancos, e provavelmente não mudarão de ideia por causa deste filme. E o movimento Vidas Negras Importam deve poder fazer o que quiser enquanto esses nacionalistas brancos permanecerem no poder.

Com isso em mente, até que ponto esses avanços na representação em grandes mídias resultam em mudanças estruturais substanciais? Ainda estamos para ver. Enquanto isso, você pode se divertir com um filme de ação que pela primeira vez não é desprezível.

---

*texto: Mirna Wabi-Sabi*